"AO MENOS SOU AMADA": CASSIE HOWARD E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA SEGUNDA TEMPORADA DA SÉRIE EUPHORIA

"AT LEAST I'M LOVED": CASSIE HOWARD AND FEMALE REPRESENTATION IN THE SECOND SEASON OF EUPHORIA

Renata Miranda de Oliveira[1]
Saraí Patrícia Schmidt[2]

RESUMO: O estudo promove uma discussão e análise, sob a perspectiva feminista, da representação feminina no audiovisual, tendo como foco a série norte-americana *Euphoria* em sua segunda temporada, privilegiando o desenvolvimento da personagem Cassie Howard. Em vista da crescente produção audiovisual no cinema e em séries, televisivas ou em streaming, essa indústria possui grande impacto econômico e social, utilizando-se, também, de temas relevantes para a contemporaneidade como questões de gênero e representatividade. Dessa forma, contribuindo para a disseminação de ideias, valores culturais e morais, o audiovisual tem o poder de propagar diversos debates (Louro, 2000). Nesse sentido, apesar das conquistas feministas, ainda se faz necessária a continuação e ampliação das discussões de pautas relacionadas a gênero (Butler, 2022), o papel social da mulher (Federici, 2017) e as formas de objetificação (Bourdieu, 1998). A pesquisa, portanto, utiliza-se da obra *Euphoria*, que, além de ser um sucesso comercial, aborda temáticas pertinentes referentes a gênero, sexualidade e traumas, e consolida-se como uma narrativa atual e relevante, trazendo representações da adolescência. Em termos metodológicos, ocorre de forma descritiva e qualitativa, partindo do estudo de caso, utilizando-se da análise de conteúdo da Bardin (2016). Os resultados demonstram como ocorrem as representações femininas em *Euphoria* e como os fatores de gênero, objetificação feminina e dominação masculina atuam no desenvolvimento do enredo da personagem Cassie Howard na segunda temporada da série. Assim, as representações femininas no audiovisual transformaram-se positivamente ao longo dos anos, trazendo protagonismo e mais participação nas produções, entretanto, certas narrativas e estereótipos ainda corroboram com uma imagem de mulher que é limitada, objetificada. Portanto, é fundamental o entendimento e a visão crítica do que está sendo produzido na indústria e como as representações de gênero são utilizadas para reforçar significados e valores opressivos.

Palavras-chave: Audiovisual. Feminismo. *Euphoria*. Representação feminina. Objetificação.

ABSTRACT: The study promotes a discussion and analysis, from a feminist perspective, of female representation in audiovisual media, focusing on the second season of the American series Euphoria, particularly the development of the character Cassie Howard. Given the growing production of audiovisual content in cinema and

[1] Graduanda em Publicidade e Propaganda. E-mail: renaatadeoliveira@gmail.com
[2] Doutora em Educação pela UFRGS (2006). Professora no curso de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda da Universidade Feevale. E-mail: saraischmidt@feevale.br

television or streaming series, this industry has significant economic and social impact, addressing relevant contemporary issues such as gender and representation. In this way, by contributing to the dissemination of ideas, cultural, and moral values, audiovisual media has the power to foster various debates (Louro, 2000). Despite feminist achievements, it remains necessary to continue and expand discussions on gender issues (Butler, 2022), the social role of women (Federici, 2017), and forms of objectification (Bourdieu, 1998). The research, therefore, uses Euphoria, which, besides being a commercial success, tackles relevant topics concerning gender, sexuality, and trauma, establishing itself as a current and relevant narrative by portraying adolescence. Methodologically, the study is descriptive and qualitative, employing case study analysis and Bardin's (2016) content analysis. The results demonstrate how female representations occur in Euphoria and how factors such as gender, female objectification, and male domination influence the development of Cassie Howard's character in the second season. Thus, while female representations in audiovisual media have evolved positively over the years, bringing more prominence and participation in productions, certain narratives and stereotypes still contribute to a limited and objectified image of women. Therefore, it is crucial to understand and critically assess what is being produced in the industry and how gender representations are used to reinforce oppressive meanings and values.
Keywords: Audiovisual. Feminism. Euphoria. Female representation. Objectification.

1. INTRODUÇÃO

O audiovisual traz temas relevantes para a contemporaneidade, como a difusão de discussões de gênero e representatividade. Nesse sentido, as produções cinematográficas e seriados de TV e em *streaming*[3] têm grande impacto na construção e disseminação de opiniões, valores culturais e debates. No presente artigo, é feito o recorte do tema a fim de investigar como o audiovisual, neste caso com a série *Euphoria*, trata e desenvolve a representação feminina referente à construção da personagem Cassie Howard na segunda temporada da série.

Considerando os avanços sociais que o movimento feminista conquistou nos últimos anos, ainda se faz necessário continuar a discussão sobre diversas pautas relacionadas a gênero. No relatório "Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil", realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 46,7% das mulheres de 16 anos ou mais sofreram assédio sexual em 2022[4]. Uma forma de abordar essas questões é por meio do uso de mídias audiovisuais, amplamente consumidas no

[3] Termo em inglês para se referir a tecnologia de transmissão de conteúdo online. Exemplo: filmes, séries, música.
[4] Relatório completo pode ser acessado através do link < https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf >. Acesso em 17 abr. 2024.

Brasil. Segundo dados da edição de 2022 do estudo “Eu nas Séries”[5], realizada pela NBCUniversal Brasil, 93% dos brasileiros acompanham séries atualmente. Esse dado evidencia o grande potencial das narrativas audiovisuais para influenciar e/ou afetar os telespectadores.

Consequentemente, várias produções de seriados televisivos e/ou em streaming têm investido no desenvolvimento de enredos com protagonistas femininas que cativam o público. De acordo com um relatório realizado pelo *Center for the Study of Women in Television and Film* (SDSU)[6], em 2022, 49% dos filmes em streaming tiveram protagonistas femininas, enquanto 33% dos cem filmes com maior arrecadação de bilheteira contaram com elas. Nesse cenário, a série norte-americana da HBO (Home Box Office), *Euphoria*, lançada em 2019[7], destaca-se como um exemplo consolidado de narrativa audiovisual que retrata a vivência de adolescentes e aborda temas e questões relevantes sobre esse demográfico. O sucesso da série, tanto pelo público quanto pela crítica, é evidente, com a segunda temporada estreando em 2022 e seu episódio final atraindo 6,6 milhões de telespectadores no canal HBO e na plataforma Max, tornando-se a segunda série mais assistida do canal[8].

Além de seu sucesso comercial[9], *Euphoria* explora questões de gênero, sexualidade, abuso de substâncias e traumas psicológicos por meio das histórias de seus personagens adolescentes. Dessa forma, a série se configura como um exemplo de ficção que aborda de maneira abrangente questões sociais, atraindo uma ampla audiência e conquistando fãs ao redor do mundo.

Assim, surge a questão de pesquisa: de que forma se manifesta a representação da objetificação feminina jovem no audiovisual, sob a perspectiva feminista, na descrição e análise de um conjunto de oito episódios que compõem a segunda temporada da série *Euphoria*? A série busca provocar uma reflexão e discussão sobre a objetificação feminina e seus impactos na vida da personagem

---

[5] Relatório completo pode ser acessado através do link < https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series/ >. Acesso em 28 jun. 2024.
[6] Relatório completo pode ser acessado através do link < https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2023/05/2022-Original-Streaming-Films-Report.pdf >. Acesso em 24 abr. 2024.
[7] Informação completa pode ser acessada através do link < https://filmow.com/euphoria-1a-temporada-t257688/ficha-tecnica/ >. Acesso em 17 abr. 2024.
[8] Matéria completa pode ser acessada através do link < https://variety.com/2022/tv/news/euphoria-season-2-finale-ratings-1235192015/ >. Acesso em 17 abr. 2024.
[9] Matéria completa pode ser acessada através do link < https://rollingstone.uol.com.br/entretenimento/euphoria-se-torna-segunda-serie-mais-assistida-da-hbo/ >. Acesso em 17 abr. 2024.

adolescente Cassie Howard. Observa-se, ao longo da segunda temporada, que a trajetória de Cassie é marcada por uma transformação no comportamento e nas suas relações com amigos, família e parceiro sexual, aprofundando temas já explorados na primeira temporada, como *slut shaming*[10], *male gaze*[11] e busca por validação masculina. A série enquadra a personagem dedicando-se a "aprimorar" sua imagem corporal em busca de atenção masculina, além de tentar compreender por que Cassie se comporta dessa forma.

Ademais, a personagem é retratada com roupas justas, curtas e com decotes, representando um padrão de beleza convencional. No entanto, a série não a limita a essa imagem. Em função de seu contexto e passado, Cassie utiliza seu corpo e aparência para se relacionar com outros homens, protagonizando a maioria das cenas de sexo na segunda temporada e demonstrando o apelo sexual que usa para se reafirmar e ser validada.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo é identificar, descrever e analisar como ocorre a representação feminina jovem, sob a perspectiva feminista, na série *Euphoria*, com foco na personagem Cassie ao longo dos oito episódios da segunda temporada.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 O audiovisual

O audiovisual hoje é uma das formas mais bem difundidas de lazer e de contar histórias, desde a criação da primeira máquina de fotografia ao desenvolvimento do cinema e sua indústria cultural, tornando-se muito popular na cultura de massa. Segundo Gabler (1999, p. 51), "enquanto na Europa os filmes atenderam de imediato ao gosto da classe média como maravilha tecnológica, aqui eles atenderam ao gosto da classe operária como arma cultural". Ao pensar em seu impacto social, o cinema, assim como o audiovisual como um todo, é um protagonista quando o assunto são narrativas. Com isso, de acordo com Louro (2000), essa indústria passa a utilizar sua potência na ficção para formar e disseminar determinados estilos de vida, opiniões,

[10] Termo em inglês que significa tachar ou chamar uma mulher de prostituta ou vadia, por conta da conduta social praticada que não corresponde às expectativas sociais.
[11] Termo em inglês que se refere ao ato de retratar as mulheres sob a perspectiva masculina.

ideologias, hábitos e condutas sociais, assim, atribuindo significados e importância a quem, como e o que ele representa nas telas. Como consequência, é visto até os dias de hoje o destaque dado à “ótica branca, masculina, heterossexual e ocidental” (Louro, 2000, p. 443), em detrimento a representações de grupos marginalizados. Entretanto, esse cenário está em mudança, e Louro (2000, p. 443) afirma que:

> Grupos historicamente subordinados [...] buscam crescentemente afirmar seus valores, suas escolhas, sua estética; lutam pela possibilidade de representar a si mesmos e, para isso, ocupam todos os espaços e as instâncias possíveis, dentre esses, obviamente, o cinema.

Os avanços sociais desses grupos possibilitaram que ocupassem espaços antes só imaginados. Com o passar do tempo, mulheres começam a ser representadas não apenas como donas de casa, personagens homossexuais passaram a serem mais do que apenas alívio cômico, entre outros tantos exemplos de estereótipos baseados em valores tradicionais que foram deixando de ser a regra.

Não foram apenas os personagens e os rumos das histórias na tela que mudaram. A indústria cultural em volta do cinema acompanhou as mudanças sociais, políticas e tecnológicas, adequando-se a novos formatos e formas de distribuição, e consequentemente, inspirou e produziu outras formas de consumo. As séries de TV e em *streaming* são exemplos bem-sucedidos dessa nova forma de produção cultural, proporcionando diversos catálogos em plataformas digitais para o espectador ter o poder de escolher o que e como quer assistir (Pinheiro; Barth; Nunes, 2016).

2.1.1 A representação da mulher no audiovisual

O termo cunhado por Louro (2000) “pedagogia do cinema” sintetiza que as formas de aprender não dependem apenas do universo acadêmico tradicional. Com tantas opções e formas de consumir conteúdo, narrativas e entretenimento hoje, a fórmula do cinema dominante ainda serve como pilar para novas histórias, nas palavras de Louro (2000, p. 443) “não extinguiu seu poder de sedução, seu apelo e sua popularidade” e já faz parte do imaginário popular ocidental. Dessa forma, é visto que a indústria do audiovisual não apenas é economicamente rica, mas também é habilidosa em construir significados e símbolos, tornando-se uma grande potência cultural e ferramenta de regulação social.

A partir das narrativas em filmes, séries, anúncios e comerciais, é visto que determinados grupos sociais são representados seguindo um conjunto de características estereotipadas, e valores sociais estabelecidos ditam o rumo de suas histórias. Um dos exemplos disso é a forma que a mulher é representada nas telas, sejam elas grandes ou pequenas.

Atrelado aos avanços sociais proporcionados pelo movimento feminista, diversas pautas são colocadas para discussão. Dentre elas, a representação da mulher na indústria do audiovisual. De acordo com Lauretis (1984, p. 14, tradução nossa):

> A noção semiótica que a linguagem e outros sistemas de significação (visual ou sistemas de ícones) produzem signos, que seus significados estão estabelecidos por códigos específicos, foi rapidamente visto como relevante para o cinema e, em particular, capaz de explicar como a imagem da mulher foi construída pelos códigos de representação cinematográfica.

A idealização do que é ser mulher e as imagens criadas a partir disso, além de restringir socialmente as possibilidades de desenvolvimento pessoal e coletivo, posicionam a mulher como objeto (Gubernikoff, 2009). Desse modo, é possível verificar que as personagens femininas têm o seu passado nas telas reduzido em determinados papéis sociais: a mãe, a esposa, a dona de casa. As personagens que desviavam um pouco da regra tinham seus finais de história tragicamente encerrados por uma fatalidade ou por uma lição a ser “aprendida”, as colocando em uma categoria de indesejável, um exemplo a não ser seguido. Gubernikoff (2009, p. 8) afirma que:

> O cinema dominante envolve a espectadora feminina, que é orientada em seu desejo em direção a uma ordem social e a uma posição do significado dentro da imagem. Representada como o próprio local da sexualidade, objeto fetichizado, o cinema especifica a mulher nessa ordem a partir do qual se cria a identificação.

Com décadas de representações do tipo, reproduzidas e propagadas por todos os meios de comunicação dominantes, a sociedade e, consequentemente, a cultura como um todo, se ambienta com os signos e significados que estão ali presentes e (re)produz normas e valores sociais opressivos.

Apesar disso, os avanços sociais possibilitaram uma certa mudança. Mulheres estão ganhando espaço nas cadeiras de direção, produção e roteiro dessa indústria, além de ter a chance de falar sobre suas experiências dentro dos ambientes de trabalho. Um dos exemplos disso é *Hollywood*, com o surgimento do movimento *Me*

Too[12]*.* Essa mobilização proporcionou que diversas mulheres da indústria pudessem ter suas vozes ouvidas sobre as questões de assédio sexual que estavam enfrentando nos bastidores das produções audiovisuais, difundindo e ampliando também as discussões acerca do tema da *rape culture*[13].

2.2 Mulher e o feminismo

Há um grande desafio hoje em abordar, em plenitude, todas as formas e vertentes do movimento feminista. O mundo globalizado e os avanços tecnológicos não apenas proporcionaram acesso a informações, mas também oportunizaram a expansão e a propagação dos debates relacionados a questões de gênero, sexualidade e identidade. O presente artigo compromete-se a realizar um recorte dessa temática. Nesse sentido, de acordo com Butler (2022, p. 69):

> Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim torna-se mulher decorre que mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações.

Em primeiro lugar, é preciso apontar o patriarcado enquanto sistema e produtor das opressões de gênero. O processo e estabelecimento do patriarcado acompanhou a história das sociedades e sua essência foi a família, criando e manifestando seus princípios morais (Lerner, 2019). Entretanto, é possível observar que o cenário atual se tornou complexo e múltiplo, com isso “a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero [..]” (Butler, 2022, p. 21).

Dito isso, é possível verificar que por muito tempo mulheres foram oprimidas de diversas formas. Antes mesmo do estabelecimento e organização da sociedade capitalista ocidental, mulheres foram sujeitadas a seguir conjuntos de regras e leis que as colocavam em posições desprivilegiadas e desiguais. Em todas as áreas da vida, as mulheres eram limitadas a desempenhar não só os papéis sociais impostos, mas também acatar a regulação social definida pelo Estado e pela Igreja.

---

[12] Matéria completa pode ser acessada através do link < https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417 >. Acesso em 8 jun. 2024.
[13] Traduzido para português: Cultura de estupro.

As conquistas do movimento feminista indicam certo progresso. No entanto, no sistema capitalista vigente, ainda há problemas para superar e os direitos conquistados necessitam ser assegurados. Desse modo, Federici (2017, p. 34) afirma:

> [..] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho.

Em relação a isso, os direitos reprodutivos e sexuais se tornam pauta de debate social. O Brasil pode ser citado como exemplo disso. A questão do aborto, mesmo em casos de estupro, está sendo discutida. Um projeto de lei criado em 2024 propõe a equiparação de qualquer aborto realizado após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio[14]. Esse movimento realizado por deputados elegidos demonstra um certo regresso nas discussões públicas sobre as questões de reprodução e de gênero no país. Nesse sentido, é evidente a discrepância entre as relações de poder entre homens e mulheres, proporcionando impactos significativos em todas as esferas da sociedade.

2.2.1 Mulher como objeto

A luta por equidade de gênero passou por diversas fases. Os impactos das constituições políticas, sociais e econômicas que o patriarcado e o capitalismo produziram são percebidos em praticamente todos os âmbitos sociais e midiáticos. Nesse sistema, o lucro do capital, fundado na exploração do trabalho, é o objetivo principal e sua estrutura base é a família heterossexual. Entre essa e outras questões, Federici (2017, p. 191) salienta que:

> [..] todas as mulheres (exceto as que haviam sido privatizadas pelos homens burgueses) tornaram-se bens comuns, pois uma vez que as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos.

Esse lugar subalterno em que mulheres foram colocadas demonstra que, em conjunto com os papéis sociais que eram esperados delas, seus próprios corpos se

[14] Matéria completa pode ser acessada através do link < https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgg817ejzmo >. Acesso em 17 jun. 2024.

tornaram um recurso. Outras “categorias” impostas, como as performances de gênero, por exemplo, evidenciam que, além de não terem o domínio de seus próprios corpos, as mulheres precisavam se comportar de determinadas formas, considerando seu propósito social de reprodução.

Os impactos dessas pressões afetam não apenas as possibilidades profissionais das mulheres, como também sua confiança, autoestima e saúde. As mídias propagaram muitos desses valores sociais, como os ideais de beleza, estilo de vida e comportamentos, produzindo e popularizando diversos padrões e estereótipos. Em outras palavras, segundo Federici (2019, p. 59):

> [...] há padrões de desempenho para o corpo feminino a serem considerados, que todas as pessoas, homens e mulheres, estão conscientes deles, pois são salpicados ao nosso redor, nos muros das cidades e nas telas de tv.

Consequentemente, é por esses e outros meios que a sociedade enxerga a mulher como um objeto, servindo de projeção de expectativas e pré-conceitos do contexto e organização que participa. Acerca disso, segundo Bourdieu (1998, p. 52):

> A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

Sendo assim, a sociedade da forma que está estruturada afeta a todos, mas principalmente mulheres, e os efeitos gerados são sentidos em todas as esferas da vida. A feminilidade e as características frequentemente associadas a mulheres, tal como a submissão, são uma construção social. Dessa forma, perpetua-se uma relação de poder desigual e opressiva, que limita a autonomia e a liberdade feminina.

2.3 A série *Euphoria*

Euphoria[15] é uma série de TV norte-americana, releitura da original israelense, transmitida pela rede da HBO e disponível no catálogo online de *streaming* na plataforma Max. Criada, escrita e dirigida por Sam Levinson, a série é uma produção da A24 e teve a estreia da primeira temporada em 2019 e a segunda em 2022. Premiada com 9 Emmys[16] e indicada 25 vezes na premiação[17], a série também foi bem-sucedida comercialmente, com a segunda temporada englobando uma média de 16,3 milhões de espectadores, segundo dados divulgados pela empresa *Variety*.

O enredo principal é centrado na jovem de 17 anos chamada Rue, que está enfrentando um vício em drogas. A narração da personagem relata a própria vida e a dos amigos no ensino médio, onde os demais encaram desafios relacionados a sexualidade, identidade, relacionamentos amorosos, violência, redes sociais e conflitos familiares. No presente artigo, destaca-se a personagem adolescente Cassie Howard, que tem sua história contada ao longo das duas temporadas, incluindo alguns temas como gênero, performance de feminilidade, busca por validação social, entre outros.

Em relação à indústria dos *streamings,* esta se sobressai como um exemplo de sucesso comercial. Segundo dados do relatório da *Mordor Intelligence Industry Reports*, o mercado de *streaming* de mídia movimentou em 2023 um estimado de 119,01 bilhões de dólares[18]. Logo, a série *Euphoria* destaca-se como uma obra relevante não apenas para a análise, mas também para o entendimento mais amplo do contexto das produções que protagonizam personagens femininas e que contemplam o universo adolescente.

3. METODOLOGIA

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa de natureza básica dedica-se a gerar conhecimentos amplos, sem um uso prático imediato. Portanto, o presente trabalho entra nesta classificação, por ter como objetivo gerar

[15] Informação completa pode ser acessada através do link < https://observatoriodocinema.uol.com.br/ficha-tecnica/euphoria/ >. Acesso em 27 jun. 2024.
[16] Emmy Award é uma premiação anual da Academia de Artes e Ciências Televisivas dos Estados Unidos.
[17] Informação pode ser acessada através do link < https://www.emmys.com/shows/euphoria >. Acesso em 27 jun. 2024.
[18] Relatório completo pode ser acessado através do link < https://www.mordorintelligence.com/pt/industry-reports/media-streaming-market >. Acesso em 29 jun. 2024.

conhecimentos pertinentes sobre a relação que se dá entre a objetificação feminina e o audiovisual na segunda temporada da série *Euphoria*.

Ao pensar os objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2002) é aquela que produz a caracterização de fatos ou a relação entre variáveis. Dessa forma, a análise é conduzida com o intuito de entender as configurações da objetificação feminina e como ela é demonstrada a partir do desenvolvimento da personagem Cassie na segunda temporada da série *Euphoria*.

Do ponto de vista da abordagem do problema, o atual artigo utiliza a metodologia qualitativa, que se dedica à compreensão dos eventos e à definição de sentidos, enfatizando a "relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

O presente trabalho tem como base a pesquisa bibliográfica, que consiste na utilização de materiais já publicados sobre o assunto, a fim de contribuir para o avanço das discussões sobre o tema (Marconi; Lakatos, 2003). O procedimento base aplicado para este artigo é o estudo de caso, constituído em expandir o conhecimento por meio de uma análise significativa e aprofundada de um caso representativo, de acordo com Gil (2010).

A técnica para análise de dados do caso escolhido é a metodologia de análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (2016, p. 48), se caracteriza por:

> [...] técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Em outras palavras, de forma sistemática e buscando a objetividade, a pesquisa que utiliza esta metodologia pretende descrever e interpretar o contexto, seus conceitos e significados. No caso da presente pesquisa, o objetivo é entender como ocorre a relação entre a objetificação feminina e o desenvolvimento da personagem Cassie Howard na segunda temporada da série *Euphoria*.

Para isso, em um primeiro momento, são contadas a quantidade de cenas em que a personagem aparece ao longo da temporada. Após a apresentação deste universo, são selecionadas três cenas-chave representativas para o desenvolvimento da personagem, que são analisadas em maior profundidade levando em conta os conceitos apresentados e desenvolvidos no referencial teórico.

A seleção das cenas-chave baseia-se em critérios como maior tempo de tela, presença de diálogos e referências diretas à personagem e sua representação visual. Busca-se, assim, identificar, descrever e analisar como ocorre a representação da objetificação feminina jovem na série, tendo como foco a personagem Cassie. Além disso, realizar uma revisão teórica dos princípios orientadores da investigação no âmbito do diálogo com o audiovisual, com foco nos conceitos de gênero e objetificação feminina.

Para o desenvolvimento da análise do presente artigo, a descrição das cenas selecionadas é realizada através de um quadro em formato de roteiro audiovisual, contendo duas colunas: uma dedicada ao áudio (texto, falas, narrações, diálogos) e outra à descrição visual das imagens transmitidas. Esta abordagem de condução por áudio e imagem é particularmente válida no contexto da série, uma vez que a narrativa é norteada por uma personagem narradora que participa da história e possui onisciência, discorrendo sobre as tramas e eventos envolvendo outros personagens.

4. ANÁLISES

Para uma primeira aproximação do universo e o contexto da personagem Cassie com relação ao tema do artigo, fez-se necessária uma investigação panorâmica dos oito episódios que compõem a segunda temporada. Nesse sentido, foi construída uma tabela de recorrências ou categorias que quantifica e delimita as cenas que a personagem tem destaque. Busca-se como objetivo compreender como a personagem é representada e desenvolvida, considerando o referencial teórico apresentado até o momento.

Tabela 1 – Categorias e quantidade de cenas

Categorias de cenas	Quantidade de cenas
Fragilidade Psicológica	39
Ideal de Mulher	11
Cena de Transição	7

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os dados da tabela acima foram organizados como estratégia para a categorização feita a partir das cenas que a personagem Cassie tem mais destaque durante a segunda temporada. Assim, “Fragilidade Psicológica” (FP), “Ideal de Mulher” (IM) e “Cena de Transição” (CT) foram definidas como categorias.

A categoria “**Fragilidade Psicológica**” refere-se a todas as cenas em que a carga emocional da personagem se sobressaiu, demonstrando e desenvolvendo o estado psíquico dela através das experiências com a estrutura familiar desequilibrada, ciclo social reduzido e relacionamentos amorosos instáveis e desiguais.

A segunda categoria, “**Ideal de Mulher**”, relaciona-se diretamente aos momentos que Cassie performa um ideal de feminilidade tradicional esperado pela sociedade ocidental, traduzido em suas roupas, aparência visual, comportamento, reações e atitudes. Também é relevante observar que essa personagem é a que mais protagoniza cenas de relações sexuais (quatro, no total), em comparação com as demais personagens femininas ao longo da temporada. Dentre as quatro cenas, três delas foram alocadas na categoria “Fragilidade Psicológica”, por mostrarem atos sexuais com potencial traumatizante para a personagem, observado através das expressões corporais dela. E uma cena de cunho sexual foi realocada na categoria “Ideal de Mulher”, por demonstrar uma relação mais performática, própria daquela esperada em um contexto de dominação masculina.

A categoria "**Cena de Transição**" refere-se às cenas que desempenham um papel de transição na narrativa, apresentando pequenos momentos-chave que contribuem para o desenvolvimento e avanço do enredo geral da série, não somente focadas na Cassie.

Entretanto, é importante salientar que as categorias apresentadas são interdependentes e, por vezes, sobrepostas. Isto é, não seria possível colocar a personagem em uma posição isolada da idealização sem também considerar a fragilização psíquica. E, ao mesmo tempo, esse lugar de idealização é, por si só, um agente de ainda mais fragilização.

Desse modo, a construção das categorias deve ser vista como uma primeira aproximação da complexidade da série e com um objetivo didático para demonstrar como a dominação masculina e o patriarcado operam. Por isso, faz-se necessária uma análise mais profunda de algumas cenas-chave da Cassie, conforme descrito na seção de metodologia.

Portanto, na sequência, conforme explicitado anteriormente, o presente trabalho apresenta os roteiros de cada uma destas cenas-chave já acompanhadas das respectivas análises.

Quadro 1 – Vídeo e áudio

Vídeo	Áudio
CASSIE (mulher, 17 anos, branca com cabelos loiros) desliga o despertador do celular que marca 4h da manhã. Sai da cama, caminha até o banheiro, posiciona-se na frente do espelho. CASSIE inicia o banho, esfolia a pele, hidrata, arruma o cabelo. CASSIE realiza uma rotina de cuidados com a pele cheia de passos.	**Loc. Off.Fem.:** Cassie decidiu acordar às 4h naquela manhã e se arrumar para a escola. **Loc. Off.Fem.:** Precisava clarear a mente. **Loc. Off.Fem.:** E, pelas três horas em que se arrumava, só pensou em uma coisa.
CASSIE na escola, olha sorridente de longe para NATE (homem, 17 anos, branco com cabelos castanhos, alto), que cruza seu caminho e a ignora. CASSIE fica com uma expressão triste no rosto.	
CASSIE desliga o despertador das 4h da manhã. Ela se dedica a cuidar da pele do corpo e do rosto.	**Loc. Off.Fem.:** Também havia algo revigorante no tempo em que dedicava a si.
Na escola, CASSIE fita NATE com um sorriso, mas ele só caminha, sem olhar para sua direção.	
MADDY (mulher, 17 anos, com cabelos escuros) está na frente de CASSIE, fecha a porta do armário escolar.	**Maddy:** Longe dos olhos, longe da mente.
CASSIE depila as pernas, usa creme hidratante, apara os pelos do nariz, massageia o rosto. NATE cruza o caminho de CASSIE no corredor e a ignora.	**Loc. Off.Fem.:** Ela adorava o ritual. A atenção aos detalhes. A ansiedade e excitação que ela sentia.
CASSIE fica com uma expressão triste e confusa no rosto.	**Loc. Off.Fem.:** Mesmo Nate fingindo não a notar.
CASSIE acorda às 4h da manhã, desliga o despertador do celular. CASSIE toma seu banho, esfolia e depila seu corpo. CASSIE coloca uma máscara no rosto, passa spray bronzeador nos braços, limpa e massageia o rosto.	
CASSIE desce a escada da escola, usa uma roupa verde, cabelo em um penteado, brilho na maquiagem dos olhos. NATE cruza seu caminho e dessa vez a olha de cima a baixo. CASSIE segue seu caminho. Sua expressão é de felicidade.	**Loc. Off.Fem.:** Foi o jeito dela de dizer a ele que era dele.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O quadro acima descreve a sequência de cenas, no episódio 3 da segunda temporada, em que Cassie inicia uma rotina gerada através de uma grande preocupação pela própria imagem. Essa rotina, além de cansativa física e psicologicamente, demonstra que a motivação por trás é uma tentativa de ser notada e se encaixar em um ideal esperado de beleza e feminilidade, onde as expectativas masculinas são o ponto de referência principal para suas atitudes.

Nesse sentido, atrelado às exigências da sociedade contemporânea, essa sequência encontra-se com as ideias de Federici (2019) que aponta como o corpo feminino é cobrado a desempenhar um certo padrão estético, que, por si só, é muito propagado no cotidiano e nos meios midiáticos, ocasionando efeitos negativos no psicológico e físico de mulheres.

Além disso, é possível observar que a narração indica algumas explicações do porquê a personagem adotar essa postura. Entre elas, a necessidade de agradar a um interesse romântico que é tão grande ao ponto de a própria Cassie não ver problema em ser ignorada repetidamente após passar dias e horas dedicando-se a “embelezar-se”.

Essa conduta exercida pela personagem pode ser relacionada à teoria de Butler (2022) que questiona as representações binárias de gênero e disserta sobre as estilizações do corpo. Nesse sentido, Butler (2022) argumenta que gênero é um conjunto de estilizações do corpo de forma repetitiva, que, como consequência, gera a aparência de ser algo natural. Em outras palavras, o fato de Cassie utilizar de tantos artifícios em sua imagem confirma que, para performar essa classe “feminina”, ela precisa utilizar de certas ferramentas e traços que a aproximam desse ideal de mulher.

Ainda, outro indício demonstrado é a vontade de pertencimento, nesse caso, o de entregar-se completamente ao relacionamento amoroso com um homem. A cena exemplifica apenas o início disso, apresentando que a personagem está, de certa forma, emocionalmente dependente da aprovação e validação masculina e com isso se esforça para satisfazer essa fantasia esperada dela. Nesse sentido, é possível considerar que os efeitos na psique de Cassie são diversos, ainda mais no contexto da adolescência, fase esta em que sua identidade e valores pessoais enquanto pessoa estão em desenvolvimento e construção.

O papel social esperado e imposto à personagem é aquele do objeto, isto é, de forma simbólica, Cassie foi colocada em um lugar no qual ela precisa acatar as expectativas e fantasias do homem. Desse modo, Bourdieu (1998) caracteriza a

“dominação masculina” por ações, comportamentos e atitudes, já normalizados no patriarcado, que colocam a mulher em uma condição permanente de dependência simbólica. Ou seja, de Cassie é esperado que ela seja disponível, contida, atraente e feminina e, consequentemente, essa condição tem a tendência de tornar-se parte fundamental de sua identidade, gerando, assim, mais uma mulher oprimida na sociedade.

Na sequência, após a análise da primeira cena, é introduzido o quadro audiovisual 2 descrevendo o episódio 7, com sua respectiva análise.

Quadro 2 – Vídeo e áudio

Vídeo	**Áudio**
CASSIE (mulher, 17 anos, branca com cabelos loiros) caminha em direção a NATE (homem, 17 anos, branco com cabelos castanhos, alto) que está deitado na cama. CASSIE fala ao ouvido de NATE. Outra cena se intercala. KAT (mulher, 17 anos, branca com cabelos curtos escuros) aparece usando lingerie e máscara no rosto, no quarto, dançando na frente do notebook. CASSIE e NATE estão deitados se beijando. NATE passa suas mãos pelo corpo de CASSIE. Cena de KAT reaparece. Ela segue dançando de salto, máscara no rosto, vestindo uma lingerie. CASSIE está sentada em cima de NATE. Ela beija o seu peitoral. Cena da KAT dançando. NATE olha para CASSIE. Cena de CASSIE deitada no peito de NATE.	**Cassie:** Eu sou tudo que sempre desejou? **Loc. Off.Fem.:** Adoraria se me comesse quando e como você quiser. **Cassie:** Pode controlar o que visto. O que eu como. Com quem eu falo. **Loc. Off.Fem.:** Quero que todo cara que você conhece queira me comer, mas não vão poder porque sabem que sou sua. **Cassie:** Eu pertenço a você. E nunca vou reclamar. Porque confio que você sabe o que é melhor. **Nate:** Não tem medo de que te menosprezem? **Cassie:** Ao menos sou amada.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Neste segundo quadro, a cena descrita é do episódio 7 da segunda temporada, e apresenta características que podem ser colocadas em duas categorias: “Fragilidade Psicológica” e “Ideal de Mulher”. É possível observar que essa cena contém um teor claro relacionado ao papel social esperado da mulher como alguém obediente, evidenciado pelas falas de Cassie. Ainda, nesse contexto é importante considerar os aspectos psicológicos dessa relação de poder desigual entre Nate e

Cassie, enquanto ele na posição de homem é reafirmado de seu controle dentro do relacionamento.

Nesse sentido, as heranças do patriarcado estão enraizadas nesse vínculo, demonstrando e delimitando papéis de cada um deles, homem e mulher, a serem desempenhados. Estes apectos relacionam-se com o trabalho de Federici (2017) quando entende-se que, na sociedade capitalista atual, o corpo das mulheres torna-se o principal campo de exploração e resistência, com intuito de reprodução e, assim, realizar a manuntenção desse sistema. No contexto da cena, Cassie está desempenhando uma posição esperada dela enquanto mulher, através do diálogo e expressão física. Ela não está apenas exercendo, mas está aceitando e incorporando esse papel para agradar o homem da relação e assim se sentir aceita e “amada”.

Logo, essa submissão da personagem evidencia também conceitos como a dominação masculina explicada por Bourdieu (1998), que consiste na mulher estando em um lugar constante de objeto, simbólico ou, no caso da série, semiótico. Essa condição imposta pode ser vista como um dos principais fatores para sofrimento psíquico, afetando a autoestima, saúde, autonomia e, em muitos casos, até a identidade de mulheres.

Ademais, o termo pedagogia do cinema cunhado por Louro (2000) é norteador para o entendimento de que a representação e as histórias escolhidas para serem mostradas são pensadas através de uma ótica influenciada pelo cinema dominante.

Além disso, os conceitos de Lauretis (1984) encontram-se nessa discussão. Tratando-se de uma obra audiovisual, a série utiliza-se desses códigos construídos no cinema e decide como a imagem de Cassie é representada na tela, em outras palavras, a semiótica aqui é intencional na forma em que a personagem é enquadrada.

Nos ângulos da câmera, no vestuário e nas posições corporais, corroborando também, em alguns casos, com uma sexualização que atende ao *male gaze*, Cassie é a típica garota branca estadunidense, convencionalmente atraente, magra e jovem, ocupando um lugar de destaque frente às câmeras que tradicionalmente já foi difundido na cultura popular. Em outras palavras, tanto nas suas falas quanto na direção da série, Cassie torna-se permissiva, ou melhor, posta, neste estado de objetificação, aceitando o papel de servir ao outro, independente do julgamento da sociedade e das opiniões de seu círculo social.

Consequentemente, em função de diversos fatores, alguns explicitados aqui, a personagem cede seu livre-arbítrio, desejos e autonomia para viver um relacionamento em que ela se torna psicologicamente dependente de uma pessoa.

Após a análise da segunda cena, em sequência, é introduzido o quadro audiovisual 3 descrevendo o episódio 3, com sua respectiva análise.

Quadro 3 – Vídeo e áudio

Vídeo	**Áudio**
CASSIE (mulher, 17 anos, branca com cabelos loiros) conversa com MADDY (mulher, 17 anos, cabelos escuros), ambas deitadas na beira da piscina. Junto, há o THEO (menino, 8 anos, branco) que MADDY supervisiona como babá deitado em outra cadeira.	**Maddy:** Tendo me sentir pior agora do que quando estava com Nate. **Cassie:** Você estava muito infeliz. **Maddy:** Eu lembro dos bons momentos. Mas, quando era ruim, era mesmo tão ruim? Ou só fico me dizendo isso por estar entediada e solitária? **Cassie:** Você merece um cara apaixonado. E amoroso. Que te deseje e mal espere para te ver, que não brigue contigo e só te ame. Que te ame verdadeiramente.
MADDY vira o rosto para falar com o THEO. Os três permanecem deitados, pegando sol.	**Maddy:** É. Sei lá. Faça um favor. Quando crescer, não seja babaca com moços de que goste.
À noite, CASSIE corre em direção ao carro de NATE (homem, 17 anos, branco com cabelos castanhos, alto), que está dirigindo. Os dois se beijam. Na casa de NATE, os dois se beijam e iniciam a relação íntima.	**Loc. Off.Fem.:** Maddy não percebeu que Cassie falava de si. E de seu relacionamento com Nate. **Loc. Off.Fem.:** Com quem trepava toda sexta à noite, nas últimas três semanas.
No banheiro, NATE, no ato sexual, segura CASSIE com uma mão pelo pescoço, virando-a de frente a ele. CASSIE está com as sobrancelhas franzidas, boca aberta.	**Cassie:** Amo ser seu segredo. E não poder contar a ninguém. **Nate:** Amo o quanto você é louca pra caralho.
NATE beija CASSIE. Os dois voltam a iniciar a relação íntima.	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A cena apresenta aspectos para entrar em duas categorias: “Fragilidade Psicológica” e “Ideal de Mulher”. Por meio do diálogo, é possível observar alguns indícios do estado da psique de Cassie, como as contradições que são mostradas – a personagem indica a importância de ter uma relação carinhosa e positiva e, na

sequência, é revelado que ela está vivenciando um vínculo com Nate onde os dois mantêm segredo.

Essa relação demonstra, em diversos momentos, características de ser possivelmente abusiva e ainda reforça o padrão de rivalidade feminina por conta da amizade entre Cassie e Maddy. Ainda no mesmo trecho, observa-se que a fisicalidade da relação intíma entre Cassie e Nate é, por vezes, agressiva, levando Cassie a uma posição de objeto, de submissão.

Dentro desse contexto, a performatividade da personagem no ato sexual pode ser notada como um resultado direto da idealização feminina consolidada na sociedade. Bourdieu (1998) aponta a dominação masculina como uma das promotoras da objetificação feminina, com a imposição de expectativas, não apenas, mas principalmente, masculinas de como uma mulher deveria se comportar.

Dessa forma, é possível traçar as associações que Federici (2017) traz com esse contexto, é possível observar que a exploração do corpo feminino está tão normalizada na sociedade que, até mesmo Cassie, enquanto adolescente em desenvolvimento, aprendeu a encarar esse tipo de controle como algo natural. A jovem aprende que, silenciando-se, ela consegue se encaixar em uma relação heterossexual idealizada pela lógica da dominação masculina.

O roteiro aponta caminhos que demonstram alguns motivos de a personagem seguir nesse relacionamento, apesar de seus conflitos internos. Cassie, assim como diversas mulheres, foi educada dentro do sistema capitalista patriarcal, isto é, sofreu influência desses valores, costumes e moral. A personagem expressa traços de fragilidade psicológica que podem ser atribuídos pelas opressões e expectativas da sociedade e também pelas outras relações na sua vida.

É possível perceber que Cassie tem um desejo grande de se sentir amada e suas falas e a forma de enxergar o mundo são sob uma ótica romântica. Como consequência, ela cede às expectativas de Nate para fazer parte desse relacionamento, assim, desconsiderando outros laços afetivos importantes em sua vida.

Portanto, observa-se que as cenas apresentadas e discutidas apresentam algumas similariedades. A narrativa e os elementos presentes no enredo de Cassie demonstram que as questões de gênero são marcadores que se manifestam em diversos momentos da construção da identidade, autoestima e história da personagem.

Em suma, a personagem é desenvolvida intencionalmente para ser multifacetada, corroborando com uma crítica às questões de relacionamentos abusivos e à experiência da mulher dentro deles. A série propõe-se a investir tempo para explicar os ciclos dessa violência que Cassie está vivenciando, ao mesmo tempo que tenta firmar o ponto de que a personagem não está psicologicamente estável, e, consequentemente, seu envolvimento em uma relação desigual, a busca por validação e a reprodução do “ideal de mulher” é o caminho que ela percorre tentando acreditar que assim ela será feliz. Mas, todo caminho percorrido até então só a traz sofrimento.

No entanto, as representações de Cassie no contexto do audiovisual evocam uma narrativa e uma semiótica em que sua imagem e seu corpo são utilizados para satisfazer a um certo prazer visual, reforçando essa posição limitante de mulher que, por décadas, foi consolidada na indústria. Por utilizar-se desses recursos, que já estão presentes na consciência coletiva e na cultura, *Euphoria* tenta aprofundar e humanizar esse roteiro a fim de construir uma crítica direcionada a essa estrutura semiótica.

O enredo de Cassie no final da segunda temporada torna explícito que as consequências de suas escolhas, influenciada por todo um sistema patriarcal, resultam em um ápice emocional e psicológico complexo sem finais felizes. Agora, depois de brigar com aqueles em sua volta, Cassie encara Maddy, que já esteve na posição dela na relação abusiva, com o nariz sangrando e olhos desacreditados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O audiovisual é uma das potentes ferramentas para propagar ideias, valores e simbologias (Louro, 2000). Além disso, enquanto indústria dominante, também possui o poder de influenciar noções sociais sobre diversas questões e provocar reflexões, corroborando ou não com preconceitos. Por isso, as representações de grupos sociais marginalizados são um ponto de atenção.

Há muitas possibilidades para que estereótipos sejam reforçados dentro do imaginário cultural de uma sociedade. Pensar no lugar da mulher neste contexto é fundamental para subverter conceitos limitantes e violentos que são socialmente perpetuados, tanto no audiovisual enquanto produto artístico, quanto na publicidade e mídia como um todo. A propagação desses valores resulta na manutenção de um sistema que oprime minoriais sociais e influencia o cotidiano social.

As mulheres no audiovisual passaram de meros papéis secundários, que eram desenvolvidos dentro de rótulos específicos como a “mãe”, a “esposa” ou a “dona de casa”, a personagens mais abrangentes, multifacetadas e complexas. As representações femininas acompanharam, ainda que devagar, o movimento feminista. Dessa forma, a figura feminina deixa de ser apenas um objeto cenográfico e se torna protagonista de sua própria história.

Porém, é claro, nota-se que o cenário não é totalmente satisfatório. Ainda existem representações questionáveis e diversos casos de violência de gênero. Além disso, o número de participação de mulheres na indústria, principalmente em posições decisivas, é baixo em comparação à atuação de homens.

Assim, analisando, sob a perspectiva feminista, a representação e o desenvolvimento da personagem Cassie na série *Euphoria*, percebe-se que são utilizadas as semióticas do cinema dominante para tentar realizar uma crítica. Através do roteiro, imagem, falas e trilha sonora, é possível observar que o retrato dessa jovem mulher é feito por meio de uma humanização, aproximando o espectador dos porquês de Cassie, a fim de (tentar) gerar uma reflexão para além da superfície da feminilidade socialmente esperada. *Euphoria* tem a pretensão de demonstrar como Cassie é uma vítima de expectativas sociais e também uma pessoa traumatizada, enquanto se apropria de fórmulas e padrões do audiovisual dominante para empregar mais camadas de complexidade na personagem.

Dessa forma, apesar dos avanços na representação de histórias femininas, ainda é necessário o contínuo estudo e pensamento crítico, a fim de produzir conhecimentos que sejam acessíveis às massas. Existe muito espaço para pesquisas futuras, como a investigação e análise de outras personagens femininas de destaque em *Euphoria*, como a Kat, Maddy ou Jules, que têm seus próprios desafios e histórias. Há ainda muitas barreiras a serem ultrapassadas e muitas possibilidades para análises futuras, como a representação digna de mulheres em outros contextos marginalizados, sejam elas negras, periféricas, lésbicas, transexuais, intersexo, etc.

Além disso, é preciso observar não apenas a ocupação feminina em cargos na indústria, mas também o acesso, investimento e o estímulo às mulheres para contar suas histórias, em seus termos e especificidades. Enquanto o cenário midiático e audiovisual continuar a propagar valores opressivos, não se preocupando em promover positivamente a multiplicidade de experiências femininas ou provocar

reflexões críticas, tem-se como resultado a preservação de um quadro desigual e discriminatório.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BBC News Brasil. O que a campanha #MeToo conseguiu mudar de fato? São Paulo, 2018. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417 >. Acesso em: 28 jun. 2024.

BBC News Brasil. O que está em jogo com projeto que torna homicídio aborto após 22 semanas de gestação. São Paulo, 2024. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgg817ejzmo >. Acesso em: 28 jun. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

Euphoria Awards and Nominations. Emmys Television Academy. Nova York, 2022. Disponível em: < https://www.emmys.com/shows/euphoria >. Acesso em: 28 jun. 2024.

Euphoria se torna segunda série mais assistida da HBO; veja números. Rolling Stone. São Paulo, 2022. Disponível em: < https://rollingstone.uol.com.br/entretenimento/euphoria-se-torna-segunda-serie-mais-assistida-da-hbo/ >. Acesso em: 28 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Coletivo Sycorax, trad. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Coletivo Sycorax, trad. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Ficha Técnica Completa da Série Euphoria - Primeira Temporada. Filmow. São Paulo, 2019. Disponível em: < https://filmow.com/euphoria-1a-temporada-t257688/ficha-tecnica/ >. Acesso em: 28 jun. 2024.

Ficha Técnica da Série Euphoria. Observatório do Cinema. São Paulo, 2019. Disponível em: < https://observatoriodocinema.uol.com.br/ficha-tecnica/euphoria/ >. Acesso em: 28 jun. 2024.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil. São Paulo, 4. ed., 2023. Disponível em: < https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf >. Acesso em: 28 jun. 2024.

GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Globo Gente. Eu nas séries. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: < https://gente.globo.com/estudo-eu-nas-series/ >. Acesso em: 28 jun. 2024.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 8, n. 15, p. 65-77, 2009.

LAURETIS, Teresa de. **Alice doesn't: feminism, semiotics, cinema**. Londres e Basingstoke: Macmillan, 1984.

LAUZEN, Martha. Streaming Women: Representation and Employment in Original U.S. Films Released by Streaming Services in 2022. San Diego, 2023. Disponível em: https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2023/05/2022-Original-Streaming-Films-Report.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAAS, Jennifer. 'Euphoria' Is Now HBO's Second-Most Watched Show Behind 'Game of Thrones'. Variety. Nova York, 2022. Disponível em: < https://variety.com/2022/tv/news/euphoria-season-2-finale-ratings-1235192015/ >. Acesso em: 28 jun. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Mordor Intelligence Industry Reports. Media Streaming Market (2024 - 2029). Telangana, India, 2023. Disponível em: < https://www.mordorintelligence.com/pt/industry-reports/media-streaming-market >. Acesso em: 29 jun. 2024.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BARTH, Mauricio; NUNES, Raona. Televisão e serialidade: formatos, distribuição e consumo. **Cadernos de Comunicação**. Santa Maria, v. 20, n. 2, art. 6, p. 3, maio/ago. 2016. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.5902/2316882X22925 >. Acesso em: 30 mai. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.